

ATIVIDADES DE LEITURA NA EJA E NO PROEJA EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

LEIZIMAR GONÇALVES DA COSTA E SILVA (INSTITUTO DE EDUCAÇÃO PRº ISMAEL COUTINHO- SME/ NITEROI. ESCOLA MUNICIPAL ALTIVO CÉSAR - FME/ NITEROI. INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA - CAMPUS NILÓPOLIS).

Resumo

Faz-se necessário planejar e promover atividades de leitura para a EJA e para o PROEJA que ultrapassem os limites da sala de aula, possibilitando ao educando a construção de conhecimentos a partir da troca de experiências e da vivência em espaços de educação não formal. Segundo Gohn (2006:28–30), na educação não formal aprende-se “no mundo da vida”, a partir da troca de “experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas”; em locais de “processos interativos intencionais”. A finalidade “é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais.” Ela “prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo etc.” Sendo assim, propiciar aos jovens e adultos a vivência de atividade em espaços de educação não formal, tendo em vista a promoção da Linguagem, da Ciência e da Tecnologia, alia-se ao entendimento de que a aprendizagem deva ampliar os saberes, permitindo a estes estudantes a interação com os bens culturais produzidos pelo homem, bem com a interação com os variados recursos tecnológicos disponibilizados em espaços culturais e de divulgação científica. Além disso, percebe-se que a transformação que se dá neste jovem ou adulto a partir da construção do conhecimento que tais atividades proporcionam, altera a sua maneira de se relacionar não apenas com os nossos bens culturais, mas também com o conhecimento sistematizado, aumentando, dessa forma, a auto-estima. Esta comunicação objetiva, portanto, relatar as experiências vividas em espaços de educação não formal com os alunos do Curso de Instalação e Manutenção de Computadores – PROEJA – do CEFET Química de Nilópolis, atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Nilópolis – IFRJ–, nos anos de 2007–2008, e também socializar os projetos elaborados e desenvolvidos por esses alunos a partir de tais experiências.

Palavras-chave:

EJA/PROEJA, leitura, espaços de educação não formal/aprendizagem.

Nas turmas da Educação de Jovens e Adultos - EJA - e nas turmas do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e adultos - PROEJA - faz-se necessário planejar e promover atividades de leitura que ultrapassem os limites da sala de aula, possibilitando ao educando a construção de conhecimentos a partir da troca de experiências e da vivência em espaços de educação não-formal de promoção da Linguagem, da Ciência e da Tecnologia.

Ao falar da leitura, falo em consonância com Paulo Freire (1990:11), quando este ensina que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Este mesmo autor adverte para a "compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou de linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo".

Falo da leitura como forma de linguagem, sendo esta uma atividade de interação humana, uma ação interindividual finalisticamente orientada para a produção de

sentidos, em uma dada situação comunicativa e em um contexto sócio-histórico e ideológico definidos.

De acordo Orlandi (1996:177-203), abordo a leitura como um processo de produção de sentidos de um texto, tendo em vista determinadas condições que envolvem o sujeito (quem lê o texto), o contexto histórico-social (sujeitos e situação de leitura) e o próprio texto. O sentido produzido é sempre resultante de uma interação entre autor e leitor. A palavra texto está sendo usada aqui em sentido amplo, isto é, como produções nas mais diversas linguagens: as produções feitas com as linguagens das artes plásticas, da música, da arquitetura, do cinema, do teatro, entre outras.

Ler, portanto, significa colher conhecimento, descobrir outras formas de pensar, refletir sobre o modo como outros sujeitos organizaram o que tinham a dizer; enfim, pressupõe atribuir significados e sentidos ao que se lê.

As discussões acerca do ensino da leitura devem não só levar em conta o contexto pedagógico - em que os procedimentos metodológicos, a seleção dos textos nos livros didáticos concorrem para o esvaziamento do sentido da leitura, castrando a experiência de liberdade e autonomia dos sujeitos - mas também a observação do contexto sócio-político que interfere nas condições de acesso e de produção da leitura. Quanto a isto, Magda Soares (1998: 28) nos diz que estas condições "reproduzem, no nível simbólico, as condições sociais do mercado de bens materiais" e "podem também criar, como ocorre neste, o espaço dialético dos antagonismos, da contradição." Assim sendo, é preciso considerar a leitura como um instrumento de libertação e autonomia necessário ao pleno exercício da cidadania.

A visão costumeira de ser a escola o espaço exclusivo de formação de leitores, sendo o livro o principal instrumento, contribuiu para a crença de serem irrelevantes as leituras feitas pelos alunos nos espaços não formais de aprendizagem. Além disso, muitos ainda não reconhecem que tais espaços também são promotores do conhecimento através de outras formas de apresentação da produção humana.

Quando o professor ultrapassa fisicamente os muros da escola e leva os alunos para museus, centros culturais ou outros espaços de educação não-formal, está contribuindo para a realização plena da leitura, para a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos e para a ampliação do conceito de educação a tudo o que o educando vivencia tanto no campo intelectual, quanto emocional.

Segundo Gohn (2006:28-30), na educação não-formal aprende-se "no mundo da vida", a partir da troca de "experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas"; em locais de "processos interativos intencionais". A finalidade "é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais." Ela "prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo etc."

Esta mesma autora (Gohn, 2006: 30-31) diz ainda que:

A educação não-formal poderá desenvolver, como resultados, uma série de processos tais como:

- consciência e organização de como agir em grupos coletivos;

- a construção e **reconstrução** de concepção (os) de mundo e sobre o mundo;
- contribuição para um sentimento de identidade com uma dada comunidade;
- forma o indivíduo para a vida e suas adversidades (e não apenas capacita-o para entrar no mercado de trabalho);
- quando presente em programas com crianças ou jovens adolescentes a educação não formal resgata o sentimento de valorização de si próprio (o que a mídia e os manuais de auto-ajuda denominam, simplesmente, como a auto-estima); ou seja dá condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de autovalorização, de rejeição, dos preconceitos que lhes são dirigidos, o desejo de lutarem para serem reconhecidos como iguais (enquanto seres humanos), dentro de suas diferenças (raciais, étnicas, religiosas, culturais etc.);
- os indivíduos adquirem conhecimentos de sua própria prática, os indivíduos aprendem a ler e interpretar o mundo que os cerca.

Estando nos espaços de educação não-formal movidos pelo desejo, os alunos interagem com os textos escritos presentes nas exposições dos museus ou centros culturais, procurando construir os sentidos de cada um deles. Dessa forma, indagam, deduzem, associam, preveem, concluem, discordam, acrescentam, selecionam, analisam, avaliam, enfim, produzem um conhecimento a partir de um jogo de ações. O resultado disso é a ampliação da capacidade de ler, compreender e opinar sobre diversos assuntos.

O planejamento e a promoção das atividades de leitura para os alunos da EJA e para os do PROEJA, em espaços de educação não-formal, foram decorrentes de um propósito educativo de ampliação da leitura e da escrita para esses sujeitos, tendo em vista sua autonomia e o pleno exercício de sua cidadania.

No trabalho desenvolvido, procurou-se realizar uma articulação ente a educação formal e a educação não-formal. As atividades de leitura iniciavam-se na sala de aula - espaço formal - com as modalidades da língua escrita e oral - nas funções expressiva e referencial - associadas às linguagens das novas mídias tecnológicas e às linguagens cinematográfica, musical. e pictórica. Em seguida, percorríamos as exposições, previamente selecionadas, oferecidas pelos museus e centros culturais a fim de ampliarmos as nossas leituras sobre os temas discutidos em sala de aula. Interagindo com os textos apresentados por estes espaços de educação não-formal, os alunos indagavam sobre o que liam, faziam perguntas aos monitores quando a visita era guiada, discutiam com os colegas um determinado tópico, comentavam sobre o que já sabiam, comparavam situações, enfim, praticavam uma série de ações que incidiam na produção de sentido da leitura. Após as visitas, ao retornarmos para o espaço formal da sala de aula, o conhecimento advindo dessas leituras eram refletidos e re-significados nos debates que se instauravam sobre os temas ou determinados tópicos suscitados. A partir daí, os alunos prosseguiram com suas pesquisas para produzirem atividades sob a forma de tarefas ou de projetos propostos.

Os espaços de educação não-formal escolhidos para o desenvolvimento das atividades foram os museus e centros culturais, a saber: Centro Cultural Banco do Brasil, Casa França Brasil, Museu Histórico Nacional, Museu do Folclore Edison Carneiro (todos localizados na cidade do Rio de Janeiro); Museu da Língua Portuguesa e Pinacoteca do Estado, ambos na cidade de São Paulo.

Os alunos do ensino fundamental da EJA de uma escola de Niterói foram as seguintes exposições: "O Theatro de Debret", na Casa França-Brasil; "Os Trópicos - Visões a partir do Centro do Globo" e "Um olhar da família Ferrez", ambas no

Centro Cultural Branco do Brasil; a exposição permanente do Museu da Língua Portuguesa e a exposição de artes plásticas da Pinacoteca de São Paulo. Os alunos do PROEJA, além de visitarem a exposição permanente do Museu da Língua Portuguesa, também viram a exposição intitulada "A hora da estrela", em homenagem a Clarice Lispector, que naquele momento compunha a exposição periódica que o museu oferece em homenagem a um escritor. Esses alunos visitaram também o Museu do Folclore Edison Carneiro, que apresenta uma exposição permanente sobre a cultura popular brasileira, e o Museu Histórico Nacional para verem as exposições "Um novo mundo, um novo império: a corte portuguesa no Brasil" e "Darwin no Rio".

Este artigo visa, portanto, a relatar as experiências vividas em espaços de educação não- formal com alunos do PROEJA, do Curso de Instalação e Manutenção de Computadores, do CEFET Química de Nilópolis, atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia- Campus Nilópolis- IFRJ-, nos anos de 2007 e 2008. Além disso, objetiva, também, socializar os projetos propostos e desenvolvidos pelos alunos do PROEJA a partir de tais experiências.

A visita ao Museu da Língua Portuguesa e à Pinacoteca de SP, atividade planejada tanto para a EJA quanto para o PROEJA, aconteceu em momentos diversos e com estratégias de preparação diferenciadas. O Museu da Língua Portuguesa é um espaço cultural com características contemporâneas que organiza várias atividades relacionadas ao conhecimento da nossa língua e suas variantes. A utilização de vários recursos tecnológicos faz com que os visitantes, especialmente os jovens, se sintam atraídos pelas atividades oferecidas. Uma exposição permanente apresenta a diacronia, a sincronia e as influências de outras línguas; há uma transmissão em vídeo sobre a história da língua portuguesa seguida de atividade interativa com textos literários; e uma exposição periódica sobre a obra de um escritor brasileiro. O espaço está localizado na Estação da Luz, na cidade de São Paulo, e dispõe de três andares destinados às exposições. A visita teve como principais objetivos, levar o aluno a:

- 1- conhecer a história da Língua Portuguesa;
- 2- reconhecer a importância da produção literária em língua portuguesa;
- 3- perceber a importância da tecnologia para a divulgação do conhecimento.

A preparação para a ida dos alunos do PROEJA ao Museu da Língua Portuguesa envolveu uma série de procedimentos metodológicos: leitura e análise de letras de samba-enredo cujo tema era a língua portuguesa; exibição de vídeos de gravação de um desfile de escola de samba, de documentários e de filmes; leitura de textos expressivos, informativos- referências e poético-musical; pesquisa em diferentes veículos de informação sobre trajetória de vida de Clarice Lispector, sua produção literária, o contexto histórico- cultural de sua época e frases expressivas de suas obras; criação de vídeos com o resultado das pesquisas.

Dentro do espaço do Museu, os alunos se viram expostos a uma infinidade de textos que magicamente os seduziram. Eles não precisaram obedecer a nenhuma ordem imperiosa para lerem, pois escolhiam o que ler nos diversos suportes de escrita que se ali se apresentavam pela vontade e/ou pela curiosidade. Leram e escutaram embevecidos os poemas, os trechos de músicas, crônicas, contos e romance na atividade interativa com trechos literários, quando atenderam ao convite de penetrar surdamente no reino das palavras. Viram extasiados as palavras saltarem diante dos olhos, sendo re-significadas ao assistirem a diversos vídeos. Ficaram presos às atividades pelo encantamento, como aquela em que

precisavam colher as palavras com as mãos para formarem outras, ou ao lerem sobre as várias fases da história da língua nos painéis de textos escritos dispostos no museu e, ainda, ao manusearem o computador para conhecerem a respeito das diversas línguas que influenciaram a língua portuguesa no Brasil.

No museu da Língua Portuguesa, os alunos puderam entender o significado de pertencerem a uma comunidade linguística e perceber a importância de sua participação ativa nessa comunidade tanto como usuário, como produtores de sentidos e como conhecedores das diversas realizações feitas por meio da língua.

Em frente ao Museu da Língua Portuguesa, está a Pinacoteca de SP, um espaço cultural destinado à exposição de artes plásticas. A Pinacoteca mantém as características de um museu tradicional, isto é, sem a utilização de variados recursos tecnológicos em comparação ao Museu da Língua. Esse contraste ficou interessante de os alunos lerem. Algumas hipóteses foram estabelecidas pelos alunos como o fato, segundo eles, de ser a língua algo sem atrativo para fazer parte de um museu e, por isso, necessitar de um espaço que chamasse a atenção; ou também pelo fato de a língua não ser sempre a mesma em cada lugar ou situação e diferir de pessoa para pessoa, exigir, portanto, também um espaço com atividades diversificadas.

Na Pinacoteca os alunos se sentiram importantes ao verem de perto as obras de arte ali expostas. Muitos lembraram de imagens já vistas em livros e procuraram entender, nas telas que viam, o propósito do artista e perceber a totalidade do conteúdo. Leram as imagens, com o auxílio de suas experiências de vida e saberes, adentrando em suas formas, linhas, cores e particularidades. Ao tirarem retratos, interagiram com as esculturas abraçando-as, imitando-lhes os gestos e as expressões ou simplesmente simulando uma conversavam com elas.

A visita ao Museu do Folclore foi programada em função da proposta de os alunos desenvolverem um projeto sobre cultura popular. Localizado no bairro do Catete, RJ, esse museu oferece aos seus visitantes uma exposição permanente de objetos que ilustram os mais variados aspectos da expressão artística da arte popular brasileira. Distribuída em três andares, a exposição está organizada em cinco temáticas: vida, técnica, religião, festa e arte. Nesse espaço, encontram-se miniaturas de elementos do cotidiano, trabalhos feitos a barro, imagens de santos e protetores tanto no catolicismo, na umbanda ou no candomblé e representação das festas populares como o maracatu, o bumba-meu-boi e outras. Para facilitar a identificação das obras, os visitantes contam com um objeto igual ao telefone que, ao apertar o número correspondente ao da obra, transmite as informações solicitadas. Os alunos ao se verem diante de tanta diversidade, compararam as formas como cada uma das regiões do Brasil se expressa, falaram a respeito da complexidade de cada uma das obras ali apresentadas e refletiram a cerca da estigmatização que recai tanto sobre a cultura popular quanto nos artistas que a produzem.

A ida dos alunos ao Museu Histórico Nacional foi planejada a partir da leitura, em sala de aula, de um texto científico sobre a teoria da evolução das espécies e das discussões acerca das influências das correntes científicas do século XIX nos estilos literários - realismo e naturalismo - dessa época. Após um amplo estudo do texto, os alunos tiveram a tarefa de organizar uma apresentação, em slides, das principais idéias do texto, acrescidas de outras informações que ampliassem o saber. Já de posse de alguns referenciais teóricos, mas com muitas indagações como, por exemplo, o porquê da demora de Darwin para anunciar a sua descobertas, os alunos visitaram a exposição "Darwin no Rio".

A exposição tinha por objetivo, segundo os organizadores, propiciar ao espectador uma aproximação com a trajetória deste cientista e suas idéias que culminaram na teoria da evolução da espécie, oferecendo, ao mesmo tempo, uma percepção de quão humana pode ser a atividade científica. Para dar conta desse objetivo, a exposição apresentava um número significativo de painéis de textos escritos. Nesses, alguns trechos foram destacados para sinalizar a informação essencial a ser lida. Os alunos percorreram a visita com a mediação de um guia, porque acreditamos que, dessa forma, há maior aproveitamento da atividade. Determinadas imagens, por vezes, despertavam curiosidades e questionamentos. Entre essas, destacam-se o tamanho do navio e a imagem da nadadeira da baleia. As reflexões acerca da ordem natural das coisas e da antemortalidade, das diferenças entre classes, dos usos positivos e negativos de uma teoria científica constituíram-se em pontos de leitura.

Em resposta as emoções despertadas e aos conhecimentos adquiridos na visita ao Museu da Língua Portuguesa, foi proposto a turma do PROEJA o desenvolvimento de um projeto, cujo tema seria Minha língua é uma Estação de Luz. Os alunos que desenvolveram o projeto apresentaram um painel com as famílias lingüísticas no mundo, as várias fases da língua e a influência de outras línguas; entrevistaram o bibliotecário, os professores de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literatura do CEFET - Química de Nilópolis e produziram um documentário; criaram um ambiente análogo ao do museu no espaço da escola, utilizando variados recursos possíveis e, por fim, montaram uma instalação homenageando Chico Buarque.

Da mesma forma, em resposta aos conhecimentos agregados em função da visita ao Museu do Folclore, os alunos decidiram produzir um espetáculo teatral intitulado Cultura Popular. Os cenários foram montados, tendo em vista a representação do que fora visto na exposição. O texto contava a história de uma professora de História que havia decidido levar dois de seus alunos ao Museu do Folclore no intuito de eles compreenderem melhor o conceito de cultura popular. No museu, enquanto a professora explica, os alunos mexem nos objetos ali expostos e são repreendidos por uma vigia. As constantes repreensões fazem os meninos desistirem do local e proporem à professora uma viagem pelo Brasil para conhecerem ao vivo e a cores a tão falada cultura popular. A vigia se insere no grupo e todos partem para uma viagem em que são percorridas todas as regiões do Brasil. Dessa forma, os traços da cultura de cada região vão sendo representados através de variadas linguagens.

Sendo assim, propiciar aos jovens e adultos a vivência de atividade em espaços de educação não-formal, tendo em vista a promoção da Linguagem, da Ciência e da Tecnologia, alia-se ao entendimento de que a aprendizagem deva ampliar os saberes, permitindo a estes estudantes a interação com os bens culturais produzidos pelo homem, bem como a interação com os variados recursos tecnológicos. Além disso, sabemos que a transformação que se dá neste jovem ou adulto a partir da construção do conhecimento que tais atividades proporcionam, altera a sua maneira de se relacionar não apenas com os nossos bens culturais, mas também com o conhecimento e aumenta a sua auto-estima. É possível até afirmar que este aluno passa a ser um multiplicador em seu contexto familiar.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M.J. P.M.; SILVA, H. C. (orgs.) **Linguagens, leituras e ensino de ciência**. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de leitura do Brasil - ALB, 2007.

BAKHTIN, M.. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BOSI, A.. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1995.

CARVALHO, J.H.. **Teoria da linguagem**: natureza do fenômeno lingüístico e análise das línguas. Coimbra: Atlântida, 1973. Tomo I e II

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 24 ed. São Paulo: Cortez, 1990.

GASPAR, A. A educação formal e informal em ciências. In: **Ciência e Público**: caminhos da divulgação científica no Brasil. Massarani, L.: Moreira, I.C. Brito F. Rio de Janeiro; UFRJ, 2002. P.171-183.

_____. **Museus e centros de ciências**. Disponível em Acessado em maio de 2009.

GERALDI, J.W. **Portos de passagem**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GOHN, M. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50. p.27-38, jan./mar.2006.

_____. **Educação não-formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleções Questões da Nossa Época: v. 71)

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**: teoria &. Prática. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1993.

_____. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 4 ed. Campinas: Pontes/ UNICAMP, 1995.

KOCH, I.G.V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. 3.ed. São Paulo: contexto, 1977.

NEVES, I. C. B.; SOUZA, J. V.; SCHÄFFER, N. O.; GUEDES, P. C.; KLÜSENER, R. (Orgs.) **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. 5 ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2003.

ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

PEREIRA, G. R. **Do lúdico ao científico**: construção e avaliação de módulos experimentais de óptica em museus de ciência e em ambientes escolares. 2007. 166 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Biociências e Saúde) Instituto Oswaldo Cruz.

RIBEIRO, V. M. (org.) **Educação de jovens e adultos**: novos leitores, novas leituras. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Ação Educativa, 2001.

SILVA, E.. **A produção da leitura na escola**: pesquisas x propostas. São Paulo: Ática, 1995.

SOARES, M. B.. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, R. & SILVA, E. T. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1988. P. 18-29

SMOLKA, A. L B. A atividade da leitura e o desenvolvimento das crianças: considerações sobre a constituição de sujeitos leitores. In: _____et al. **Leitura e desenvolvimento da linguagem**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989. p.23-39

ZILBERMAN, R. & SILVA, E. T. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1988.